



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**COORDENAÇÃO DE LETRAS**

**WANDA KELLY SOUSA**

**A INFLUÊNCIA DO DIALETO PAULISTA SOBRE O DO  
MIGRANTE PIAUIENSE: O CASO DO R EM FINAL DE  
SÍLABA**

**PICOS**  
**2019**

**WANDA KELLY SOUSA**

**A INFLUÊNCIA DO DIALETO PAULISTA SOBRE  
O DO MIGRANTE PIAUIENSE: O CASO DO R EM  
FINAL DE SÍLABA**

Artigo apresentado ao Curso de Letras  
Português da Universidade Federal do Piauí  
(UFPI), *Campus* Senador Helvídio Nunes de  
Barros, como requisito parcial para obtenção  
do título de Graduado em Letras.

Orientadora: **Prof. Ms. Luís Egito Souza  
Barros**

PICOS

2019

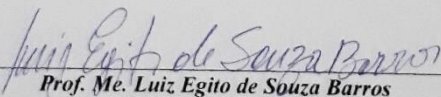


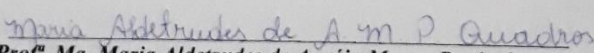
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
Rua Cicero Duarte N° 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí  
Fone: (89) 3422 2032

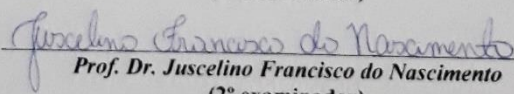
### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Às ~~20~~ 19 horas do dia 13 de dezembro do ano de dois mil e dezenove, na sala 833, do Curso de Letras, na Universidade Federal do Piauí, no *Campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, cidade de Picos - Pi, sob a presidência do **Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros**, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia de autoria da aluna *Wanda Kelly Sousa*, do curso de Letras desta Universidade com o título, **A INFLUÊNCIA DO DIALETO PAULISTA SOBRE O DO MIGRANTE PIAUENSE: o caso do R em final de sílaba**. A Banca Examinadora ficou assim constituída: **Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros** (orientador-presidente), **Prof. Ma. Maria Aldetrudes de Araújo Moura Paula Quadros** (1º examinador) e **Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento** (2º examinador). Foram registradas as seguintes ocorrências: **após a apresentação da aluna pelo Presidente da banca, ocorreu a apresentação da monografia, seguida de questionamentos pelos membros da banca; finalizando, foram sugeridas algumas modificações e correções**. Concluída a defesa, procedeu-se ao julgamento pelos membros da banca examinadora, em reunião fechada, tendo a aluna obtido as seguintes notas: 7,5 (sete e meio); 7,5 (sete e meio) e 7,5 (sete e meio). Apuradas as notas verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral 7,5 (sete e meio). E para constar, eu, **Luiz Egito de Souza Barros**, lavrei a presente ata que, após lida e aprovada pelos membros da banca examinadora, será assinada por todos. Picos, 13 de dezembro de 2019.

Assinatura dos membros da Banca Examinadora.

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros**  
(Presidente)

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Ma. Maria Aldetrudes de Araújo Moura Paula Quadros**  
(1º examinador)

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Juscelino Francisco do Nascimento**  
(2º examinador)

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvidio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo**  
**Serviço de Processamento Técnico**

**S725i** Sousa, Wanda Kelly  
A influência do dialeto paulista sobre o do migrante piauiense: o caso do R em final de sílaba / Wanda Kelly Sousa – 2019.

15 f.; CD-ROM 4 ¼ pol.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras-Português)  
– Universidade Federal do Piauí, Picos-PI, 2019.

“Orientador: Prof. Me. Luiz Egito de Souza Barros”

1. Fonema r. 2. Pronúncia. 3. Falante Piauiense. I. Título.

**CDD 414**

*Elaborada por Maria José Rodrigues de Castro CRB 3: CE-001510/O*

# A INFLUÊNCIA DO DIALETO PAULISTA SOBRE O DO MIGRANTE PIAUIENSE: O CASO DO R EM FINAL DE SÍLABA<sup>1</sup>

Wanda Kelly Sousa<sup>2</sup>

Luiz Egito de Souza Barros<sup>3</sup>

**RESUMO** Este artigo tem como temática a influência do modo de falar paulista sobre o falar do piauiense que migra para São Paulo. O objetivo geral do trabalho é analisar a realização fonética do fonema /r/ em final de sílaba, em migrantes que residiram por mais de 5 anos em São Paulo. Como objetivos específicos, visamos detectar os motivos dessa assimilação na pronúncia: qual o contexto fonético favorece a pronúncia da variante retroflexa; e fazer a comparação do dialeto piauiense com o do piauiense que morou em São Paulo. Este trabalho apresenta uma análise qualitativa de falas coletadas por meio do aplicativo de mensagem o WhatsApp. Coletamos mensagens de voz com piauienses de 20 a 50 anos que residem ou residiram durante pelo menos 5 anos em São Paulo, observando e fazendo a transcrição da pronúncia do /r/ em final de sílaba de cada falante, no intuito de saber como se realiza o fonema /r/ em final de sílaba. Como teóricos foi usado GREGIO, FOUQUET, MONTEIRO, BORTONI-Ricardo, MARQUES, BECHARA, BAGNO, CALVET. Que trouxe como resultados a relevância do estudo deste tema, como meio de diminuir o preconceito.

**Palavra-chave: Fonema /r/. Pronúncia. Falante piauiense.**

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema a influência do modo de falar paulista sobre o falar do piauiense que migra para São Paulo, tendo como objetivo geral

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI) como requisito parcial para a aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

<sup>2</sup> Aluna regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Letras/Português da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: [wandakelly95@gmail.com](mailto:wandakelly95@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (2004). Professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, Picos – PI. E-mail: [luzegi@yahoo.com.br](mailto:luzegi@yahoo.com.br)

analisara realização fonética do fonema /r/ em final de sílaba, na fala desses migrantes que moram há mais de 5 anos em São Paulo.

Sabemos que existem diversas formas de pronúncia do fonema /r/ em final de sílaba, e os piauienses tendem a aderir ao modo como essa consoante é pronunciada em São Paulo. Com isso os objetivos específicos são: 1) observar quais os motivos dessa adaptação na pronúncia; 2) identificar quais contextos fonéticos definidos pelo segmento seguinte motivam as realizações próprias do dialeto paulista; 3) comparar a fala do piauiense que mora em São Paulo com a do piauiense que mora no Piauí, observando as diferenças fonéticas referentes à pronúncia do /r/ em final de sílaba.

Como citado anteriormente, sabemos que no Brasil existem diversas formas de pronúncia do /r/ em final de sílaba. No Piauí é mais comum a pronúncia da variante fricativa glotal, desvozeada [h] ou vozeada [ɦ], dependendo do contexto seguinte. Porém, na maioria dos casos, os falantes que se mudam para São Paulo, essa pronúncia muda, ou seja, estes falantes sofrem a influência da pronúncia da comunidade que os recebeu.

Com isso, este trabalho deve responder à seguinte pergunta: Como se dá essa mudança de pronúncia da consoante /r/ no dialeto piauiense? Esta se desdobra em outras questões secundárias que também devem ser respondidas: Que fatores influenciam para que ocorra essa mudança? O seu tempo de vivência em São Paulo? O fato de ter mais acesso ao saber, em relação à escolaridade do falante, ou até mesmo pelo fato de ter mais contato com os paulistas influenciaria? Seria pelo fato de os nordestinos mudarem para São Paulo e irem se adaptando aos costumes que lá existem, mesclando com a cultura que levaram do Nordeste? Mas como o foco do trabalho é a influência sofrida no dialeto dos migrantes piauienses, iremos analisar os fatores sociolinguísticos que proporcionam essa mudança.

Sabemos que o convívio e a cultura, entre outros fatores, podem influenciar para que ocorra essa mudança e é isto que vamos observar. Partimos do pressuposto de que todos esses fatores (o meio em que está inserido, interação com outros falantes, a cultura), de certa forma, levaram a essa mudança influenciando para que ocorra essa mudança. Assim, realizamos entrevistas, por

meio do aplicativo WhatsApp, com aqueles que continuam morando em São Paulo e com aqueles que voltaram a morar no Piauí para que possamos analisar melhor e saber se tais fatores influenciaram e se existem outros, além destes.

O motivo de escolha do tema foi o fato de se observar que quando alguns piauienses retornam de São Paulo, depois de algum tempo de permanência lá, voltam com um “modo de falar” diferente, pois não entendia o porquê de muitos piauienses ao migrarem para São Paulo assimilam ao modo de fala de lá. Segundo Ferrari 2005, essa grande migração de piauienses para o estado de São Paulo foi mais intensa no período entre as décadas de 1950 e 1970. Com o surgimento das indústrias, as pessoas migravam em busca de trabalho e melhoria de vida, pelo fato de lá haver mais oportunidades de empregos.

Segundo IBGE nas décadas de 50 a 70 eram poucos os piauienses que sabiam ler e escrever, com isso, acredito que foram aderindo ao modo de fala dos paulistas, pois, geralmente, os piauienses até mesmo nos dias de hoje, são motivo de chacota para alguns paulistas. Assim também quando voltam falando “diferente” são motivo de chacota pelos próprios piauienses; apesar de o nosso país ser rico em dialetos, existe muito preconceito, pois ainda há quem não aceite o modo do outro, seja ele de falar, de agir, de ser.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p.62):

Do ponto de vista da sociolinguística educacional, para operar de uma maneira aceitável, um membro de uma comunidade de fala tem que aprender o que dizer e como dizê-lo apropriadamente, a qualquer interlocutor e em quaisquer circunstâncias. Essa capacidade pessoal que inclui tanto o conhecimento tácito de um código comum, como a habilidade de usá-lo, foi denominada competência comunicativa por Hymes (1972).

Com isso, podemos que o falante busca essa adaptação para que seja mais bem aceito na comunidade em que está se inserindo. Conseguindo assim, se adaptar ao lugar e ao modo de fala. E assim podendo falar em qualquer circunstância sem que haja chacota/preconceito. No livro Preconceito Linguístico Bagno cita um filósofo (2007 apud Cândido de Figueiredo, 1929) que diz:

Quanto mais progressiva é a civilização de um povo, mais sujeita é a sua língua a deturpações e vícios, sob a variada influência das relações internacionais, dos novos inventos, das travancas da

ignorância, e até dos caprichos da moda. [...] Sábios e romancistas, poetas e prosadores, e nomeadamente a imprensa periódica, parece haverem conspirado para dar curso às mais extraordinárias invenções e enxertos de linguagem.

Para Bagno (2007, p. 9) “O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa.” Além disso, ele diz que a “nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua” (2007, p. 9).

Ao falar sobre o primeiro mito relacionado ao preconceito linguístico, que consiste em afirmar que “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” ele declara que:

Esse mito é muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc. (BAGNO, 2007, p. 15)

Bortoni-Ricardo (2012, p. 140) diz que “é necessário que se publique e se divulgue muito material de divulgação científica acessível para que a sociedade em geral reconheça as vantagens de levar em consideração a variação e a mudança na língua”, pois a nossa sociedade valoriza muito os conhecimentos gramaticais canônicos.

Para que possamos investigar a influência do dialeto paulista sobre o piauiense, adotamos o seguinte roteiro metodológico em relação à pronúncia do /r/ em final de sílaba entre os migrantes piauienses que moram em São Paulo, que são os casos dos falantes I, II, III e aqueles que moraram, mas retornaram ao Piauí é o caso do falante IV, vale ressaltar que é o caso do falante IV, pois o mesmo morou em São Paulo por aproximadamente 35 anos e retornou para o Piauí, onde reside atualmente. Foram observadas as conversas em mensagens de voz (via WhatsApp) com piauienses de 20 a 50 anos, que vivem ou viveram em São Paulo por mais de 5 anos; com as seguintes escolaridades: a) ensino



fundamental; b) ensino médio; c) ensino superior, tanto do sexo masculino como do feminino.

As conversas e mensagens de voz de WhatsApp foram transcritas, buscando-se mostrar as realizações fonéticas do fonema /r/ em final de sílaba, para que estas possam ser analisadas e, a partir destas, seja possível a descrição de tais realizações.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

É importante falar sobre as variantes linguísticas, que são as diferentes formas de falar a língua de uma nação, visto que a língua padrão de um país não é homogênea. Usando o Brasil como exemplo, sabemos que há diversos dialetos; o pernambucano, baiano, paulista, gaúcho entre outros. Sobre variações linguísticas, o site do *Educa + Brasil* diz que:

A língua é formada por um grupo de variantes estilísticas, regionais, ocupacionais, socioculturais, o que faz com que cada grupo social, de diferentes ocupações, e regiões criem seu próprio dialeto, que é a sua forma de comunicação informal.

Bortoni-Ricardo (2005, p.175) diz que a variação linguística, que antes foi vista como uma ruptura da unidade do sistema, “é concebida hoje como um dos principais recursos postos à disposição dos falantes para cumprir duas finalidades cruciais: ampliar a eficácia de sua comunicação e marcar sua identidade social.”

Como sabemos, a variação linguística pode acontecer em diferentes eixos, o que gera os diversos tipos de variação, mas iremos falar sobre estes três tipos: diatópica, diastrática e diafásica. As Diatópicas são as variações que ocorre pela diferença regional e, está relacionada ao dialeto, ou seja, estas variações são referentes a diferentes regiões geográficas, de acordo com a cultura local. A diastrática está relacionada com as características sociais do falante, é uma variação social que pertence a um grupo em específico. E por fim a diafásica,

que está relacionada à situação de comunicação, ou seja, a ocasião determina se o falante deve agir de modo formal ou informal.

Gregio (2012 p. 81) faz referência a Ladefoged E Maddielson(1996), quando fala que naquilo que se refere ao estudo das variantes fonéticas do som de [r], estas se encontram em um grupo comum denominados de róticos. O termo róticos é utilizado sem razão fonética, já que os sons de “r” comportam-se de maneira diferenciada por serem produzidos por pontos e modos de articulações diversos. Essa terminologia se justifica em função do grafema R representativo de toda a variação oral de sons do [r].

Estudando a tese da Fouquet, observamos que ela faz referência a alguns teóricos, os quais podemos utilizar aqui, pois tratam do nosso assunto. Eles falam sobre essas influencias, mudanças e variações, que nos serviram de base para o presente trabalho: “A influência do dialeto paulista sobre o dialeto piauiense”. Fouquet apud Labov (2008, p. 24), “É comum que a língua tenha diversas maneiras de dizer “a mesma” coisa”. Labov fez diversas pesquisas de caráter fonológico, mas também estava correlacionado com fatores extralinguísticos, tais como: idade, gênero, profissão, escolaridade, entre outros, pois seu objetivo principal foi estudar como a variação e a mudança se dão em seu contexto social.

Dentre os fatores sociais, apontados nas hipóteses como um dos motivos para que ocorra essa mudança foi o deslocamento geográfico, e Fouquet *apud* Adant diz que com esse deslocamento geográfico pode desenvolver dois fenômenos linguísticos: o primeiro menciona as mudanças de pronúncias regionais direcionadas para uma pronuncia difusa e o segundo ocorre à divergência linguística, pela qual um grupo de falantes se distingue de outros grupos através da pronúncia regional. (ADANT, 2013, p.29)

Seguindo com o mesmo raciocínio, temos Fouquet *apud* Paul, que diz: “a mistura de línguas surge quando duas pessoas, cada uma falando seu idioleto, se comunicam.” (2013, p.30) Sendo assim, a língua está em constante mudança, adaptação. Para que haja uma comunicação ambos os falantes devem se adaptar criando essa mistura nas línguas/dialetos.

Outro teórico importante, citado pela Fouquet na sua tese, para compreender as mudanças no dialeto, é Trudgill (1986) apud Marques (2006), pois segundo ele:

Quando ocorre à interação entre indivíduos de diferentes dialetos, são acionados mecanismo sócio-psicológicos para que haja uma acomodação entre o falante e o interlocutor. Se for uma interação constante podem se tornar permanentes no repertório do falante. (p.44)

De acordo com a citação acima, concluímos que conforme seja frequência da interação entre os falantes, pode haver uma acomodação de ambos os falantes, tornando assim uma forma de falar assimilada. Como já falado anteriormente, os falantes tendem a mudar quando há um contato maior com falantes de uma língua e/ou suas variantes. Neste caso, a continuidade dessa interação resulta em uma mudança ou assimilação no modo de falar dos falantes.

### **3 A ASSIMILAÇÃO NA FALA DOS PIAUIENSES QUE MIGRAM PARA SÃO PAULO**

Seguindo as falas coletadas e transcritas, podemos observar que algumas pessoas mudaram totalmente o seu modo de fala para o modo de falar do paulista, enquanto outras mantiveram o seu dialeto materno, o piauiense. No caso do falante I teve modificação total no seu modo de pronunciar o fonema /r/, já os demais falantes tiveram mudanças em algumas palavras e contextos fonéticos. Foram coletadas 49 palavras que foram faladas pelos quatro falantes. Vejamos no quadro a seguir as palavras que foram analisadas:

PALAVRAS	FALANTE I	FALANTE II	FALANTE III	FALANTE IV
Irmão	[i'mãow]	[i'mãw]	[i'mãw]	[ih'mãw]
Firme	['fumi]	['fihmi]	['fumi]	['fihmi]
Colher	[ku'λeɪ]	[ko'λeɪ]	[ko'λeɦ]	[ko'λeɦ]
Motor	[mo'toɪ]	[mo'toɪ]	[mo'to]	[mo'toɦ]
Corda	['koɪda]	['kɔɦda]	['kɔɦda]	['kɔɦda]
Porco	['poɪku]	['poɪku]	['poɦku]	['poɦku]
Curta	['kuɪta]	['kuɦta]	['kuɦta]	['kuɦta]
Perna	['peɪna]	['peɦna]	['peɪna]	['peɦna]

Carne	[ 'kaɪne]	[ 'kaɦne]	[ 'kaɦni]	[ 'kaɦni]
Curva	[ 'kuɪva]	[ 'kuɦva]	[ 'kuɦva]	[ 'kuɦva]
Gordo	[ 'goɪdo]	[ 'goɦdu]	[ 'goɦdu]	[ 'goɦdu]
Barba	[ 'baɪba]	[ 'baɦba]	[ 'baɦba]	[ 'baɦba]
Árvore	[ 'aɪvori]	[ 'aɦvore]	[ 'aɦvori]	[ 'aɦvori]
Marca	[ 'maɪka]	[ 'maɦka]	[ 'maɦka]	[ 'maɦka]
Partir	[ paɪ't'i]	[ paɦ't'iɦ]	[ paɦ't'iɦ]	[ paɦ't'iɦ]
Urbano	[ 'uɪbenu]	[ uɦ'banu]	[ uɦ'bano]	[ 'uɦbanu]
Forte	[ 'foɪti]	[ 'foɦti]	[ 'foɦti]	[ 'foɦti]
Curso	[ 'kuɪsu]	[ 'kuɦsu]	[ 'kuɦsu]	[ 'kuɦsu]
Orgulho	[ 'oɪguɦu]	[ oɦ'guɦu]	[ 'oɦguɦu]	[ 'oɦguɦu]
Circo	[ 'siɦku]	[ 'siɦku]	[ 'siɦku]	[ 'siɦku]
Porta	[ 'poɪta]	[ 'poɦta]	[ 'poɦta]	[ 'poɦta]
Sorvete	[ soɪ'veti]	[ soɦ'veti]	[ soɦ'veti]	[ soɦ'veti]
Ervilha	[ eɦ'viɦa]	[ eɦ'viɦa]	[ eɦ'viɦa]	[ eɦ'viɦa]
Flor	[ 'floɪ]	[ 'floɦ]	[ 'floɦ]	[ 'floɦ]
Garfo	[ 'gaɦfu]	[ 'gaɦfu]	[ 'gaɦfu]	[ 'gaɦfo]
Caderno	[ ka'deɦnu]	[ ka'deɦnu]	[ ka'deɦnu]	[ ka'deɦnu]
Corpo	[ 'koɦpu]	[ 'koɦpu]	[ 'koɦpu]	[ 'koɦpu]
Barquinho	[ baɦ'kiɦu]	[ baɦ'kiɦu]	[ baɦ'kiɦu]	[ baɦ'kiɦu]
Barco	[ 'baɦku]	[ 'baɦku]	[ 'baɦku]	[ 'baɦku]
Cerca	[ 'seɦka]	[ 'seɦka]	[ 'seɦka]	[ 'seɦka]
Bordado	[ boɦ'dadu]	[ boɦ'dadu]	[ boɦ'dadu]	[ boɦ'dadu]
Surdo	[ 'suɦdu]	[ 'suɦdu]	[ 'suɦdu]	[ 'suɦdu]
Corneta	[ koɦ'neta]	[ koɦ'neta]	[ koɦ'neta]	[ koɦ'neta]
Ator	[ a'toɦ]	[ a'toɦ]	[ a'toɦ]	[ a'toɦ]
Colar	[ ko'laɦ]	[ ko'laɦ]	[ ko'laɦ]	[ ko'laɦ]
Carta	[ 'kaɦta]	[ 'kaɦta]	[ 'kaɦta]	[ 'kaɦta]
Cortar	[ koɦ'taɦ]	[ koɦ'taɦ]	[ koɦ'taɦ]	[ koɦ'taɦ]
Esperto	[ es'peɦtu]	[ es'peɦtu]	[ es'peɦtu]	[ es'peɦtu]
Verde	[ 'veɦdi]	[ 'veɦdi]	[ 'veɦdi]	[ 'veɦdi]
Perguntar	[ peɦgũ'taɦ]	[ peɦgũ'taɦ]	[ peɦgũ'taɦ]	[ peɦgũ'taɦ]
Nervoso	[ neɦ'voɦu]	[ neɦ'voɦu]	[ neɦ'voɦu]	[ neɦ'voɦu]
Sorte	[ 'soɦti]	[ 'soɦti]	[ 'soɦti]	[ 'soɦti]
Torta	[ 'toɦta]	[ 'toɦta]	[ 'toɦta]	[ 'toɦta]
Andar	[ ă'daɦ]	[ ă'daɦ]	[ ă'daɦ]	[ ă'daɦ]
Falar	[ fa'laɦ]	[ fa'laɦ]	[ fa'laɦ]	[ fa'laɦ]
Comer	[ ko'meɦ]	[ ko'meɦ]	[ ko'meɦ]	[ ko'meɦ]
Correr	[ ko'heɦ]	[ ko'heɦ]	[ ko'heɦ]	[ ko'heɦ]
Puxar	[ pu'ɦaɦ]	[ pu'ɦaɦ]	[ pu'ɦaɦ]	[ pu'ɦaɦ]
Cair	[ ka'ɦɦ]	[ ka'ɦɦ]	[ ka'ɦɦ]	[ ka'ɦɦ]

Como sabemos e conseguimos comprovar aqui, o contexto social é um dos fatores que influenciam essa mudança. Sendo assim, explicarei aqui um pouco sobre o contexto em que cada um destes falantes está inserido.

Começarei falando sobre o falante I, que se mudou para São Paulo aos 14 anos, concluiu o ensino médio em São Paulo além de um curso profissionalizante. Continua residindo lá, tem como profissão barbeiro e também trabalha como dançarino. Como mostrado no quadro anterior foi aquele que teve maior assimilação a pronúncia da variante retroflexa [ɹ]. Já o falante II, mudou-se há aproximadamente nove anos, concluiu o ensino médio no Piauí, atualmente trabalha como chef de cozinha e teve uma menor adesão se comparado ao falante I. O terceiro falante mora em São Paulo há cinco anos, tem o ensino médio completo e trabalha como cobrador em ônibus. O quarto e último falante morou em São Paulo por aproximadamente 35 anos, mas regressou para o Piauí há cerca de quatro anos. Durante o período que residiu lá trabalhou como bordadeira. Estudou pouco, basicamente, ensino fundamental. Como observado no quadro anterior esse falante foi o que menos aderiu à pronúncia paulista, pois morou em um bairro onde a maioria dos residentes era do Piauí.

Como observamos, existem algumas palavras que todos os falantes pronunciam o fonema /r/ em sua variante retroflexa [ɹ], que tem como zona de articulação os alvéolos. O falante I, provavelmente devido ao contato maior com os paulistas, pois vive lá há mais tempo, considerando os falantes II e III que permaneceram morando em SP, aproximadamente uns 8 anos e teve essa influência mais expressiva, já o falante IV morou em um ambiente onde a grande maioria era constituída de piauienses, ou seja, seu maior contato foi com os próprios piauienses, o que fez com que conservasse o seu modo de pronúncia do fonema /r/ na variante regional do Piauí [h], ou seja a variante fricativa glotal [h], só aderindo a algumas palavras, como exemplo as palavras: CURSO [ˈkɯ.sɯ], COMER [koˈmeɹ] que todos os falantes pronunciam da mesma forma.

Observamos também que quando pronunciado o fonema /r/ no final da palavra, os falantes tendem a fazer a retroflexão, a exemplo de colher [kuˈɮɛɹ], ator [aˈtoɹ], flor [ˈfloɹ], partir [paɹtˈiɹ], comer [koˈmeɹ], correr [koˈheɹ], andar [ãˈdaɹ], falar [faˈlaɹ]. Nota-se que na palavra COMER todos os falantes pronunciam o R retroflexo. Já nas palavras COLHER, FLOR, ATOR, ANDAR e FALAR somente o falante IV não pronunciou o retroflexo. Temos também as palavras com menor ocorrência CORRER e PARTIR somente os falantes I e III pronunciam o fonema /r/ em sua variante retroflexa. Com isso, concluímos que em palavras terminadas em R a maior parte dos falantes pronuncia o fonema /r/ retroflexo.

Por outro lado, vimos que o seguimento seguinte também faz com que o falante pronuncie o retroflexo. Veremos: a) O primeiro caso é quando nasais [m] e [n]; b) Segundo caso é a fricativa labiodental [v]; c) E o terceiro caso são as oclusivas [d] [b] [k] [t] e [g].

No primeiro caso, quando o fonema /r/ antecede as nasais [m] e [n] observa-se que há uma maior influência e a pronúncia tende a ser retroflexa. Observa-se que nas palavras IRMÃO [i.r'mãow] e CADERNO [ka'dɛɹnu] somente o falante IV não pronunciou o R retroflexo todos os demais pronunciaram. Já nas palavras FIRME ['fi:mi] e PERNA ['pɛ:na] os falantes I e III aderiram a pronúncia, os demais não aderiram.

No segundo caso, que é quando o fonema /r/ antecede a fricativa [v] também podemos observar que o seguimento seguinte tem uma influência na pronúncia. Os falantes I e III pronunciam o [r] retroflexo nas palavras: nervoso [neɹ'vozu], sorvete[sɔɹ'veti] e árvore['a:voɹi], já na palavra ervilha [eɹ'viɻa] somente o falante I pronuncia o [r] retroflexo.

No terceiro e último caso, observamos que quando o fonema /r/ antecede as oclusivas [d] [b] [k] [t] e [g] é notória a influência do seguimento seguinte. Observe que nas palavras que antecedem a oclusiva alveolar [d] temos os exemplos seguintes: 'gordo' ['goɹdo] que é pronunciada com o [r] retroflexo apenas pelo falante I, na palavra 'bordado' [boɹ'dadu], a variante retroflexa [ɻ] é pronunciada pelos falantes I e IV; e a palavra 'verde' ['veɹdi] foi pronunciada pelos falantes I e III. Quando antecedida pela oclusiva bilabial [b] tivemos a palavra 'barba' como exemplo, a palavra 'barba' ['baɻba] é pronunciada com [r] retroflexo pelos falantes I e III. Antecedendo a oclusiva velar [k] que temos como exemplo a palavra 'porco' ['poɻku], a mesma foi pronunciada pelos falantes I e II. Antecedendo a oclusiva alveolar [t] temos as palavras 'carta' ['kaɻta], que somente o falante I fez uso do [r] retroflexo; na palavra 'porta' ['poɻta], os falantes I e II utilizaram o [r] retroflexo e na palavra 'cortar' [koɻ'taɻ] todos os falantes pronunciaram a variante retroflexa [r]. Antecedida pela oclusiva velar [g] usamos a palavra 'perguntar' [peɹgũ'taɻ] como exemplo, e observamos que os falantes I e III utilizam o [r] retroflexo.

Como podemos ver aqueles que têm maior contato com os paulistas aderiram à pronúncia da variante retroflexa em um maior número de palavras, ou seja, quanto maior o tempo de permanência (exceto o falante IV) e o contato

com os paulistas, maior será a sua adesão. Observemos o caso do falante I, que se mudou para São Paulo aos 14 anos, atualmente com 22 anos, e convive, basicamente, só com paulistas há mais ou menos oito anos. Com isso, ele teve uma influência considerável no seu modo de fala. Com base nesses dados, acreditamos que essa adesão veio pelo fato de ter maior contato com os paulistas, ou seja, o meio social no qual está inserido influenciou a sua adesão.

Temos o falante II que foi para São Paulo aos 19 anos e mora lá até o presente momento, hoje com 27 anos. Podemos observar que teve uma adesão à pronúncia desse [r] retroflexo, mas como continua o contato com piauienses, acredita-se que tenha preservado parte da pronúncia realizada no PI por causa do contato com os piauienses, pois o mesmo mora em um bairro onde há muitos piauienses.

E então temos o falante III, que não teve tanta adesão ao dialeto paulista, pois este é o que tem menos tempo de permanência em São Paulo, mora em São Paulo há apenas 5 anos, mudou-se para lá aos 21 anos de idade. Acredita-se que o fato de não existir uma adesão significativa na fala deste falante se deve ao seu tempo de permanência, pois o mesmo mora a menos tempo e já tem uma adesão significativa para o tempo de convívio com os paulistas.

Por fim, analisamos o falante IV, que, se comparado aos demais falantes, o falante IV é quem tem o maior tempo de permanência em São Paulo. Podemos observar que apesar de o meio em que os falantes estão inseridos influenciar nessa adesão, esse falante, que morou em São Paulo por 35 anos, sua adesão foi mínima, enquanto os demais falantes aderiram parte do dialeto, esse não aderiu quase nada. O falante IV quando se mudou para São Paulo, aos 17 anos, foi com toda a família e, ao chegar lá, ficou com sua família em um mesmo local, ou seja, um lugar quase que exclusivo de piauienses. Morou nesse local por 35 anos e há aproximadamente 4 anos voltou para o Piauí, local onde reside atualmente.

Podemos observar que na análise tivemos uma ordem decrescente, pois o falante I usou o [r] retroflexo em todas as palavras colocadas para análise, já o falante II teve uma adesão menor. Quando comparados, classificamos como uso em 70% das palavras foi observado o uso do [r] retroflexo. Se partirmos para o falante III, pode-se notar que há pouca adesão, mas quando comparado ao falante IV, essa adesão se torna maior.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dada a importância do tema analisado, considera-se que a influência do modo de falar paulista sobre o falar do piauiense que migra para São Paulo é notória, pois, como apresentado na análise, os piauienses tendem a aderir ao dialeto paulista. Notamos que quando o contato com os paulistas é frequente, essa adesão ocorre de forma mais evidente, em todas as palavras.

Essa assimilação mostra que este é um tema bem relevante, pois, apesar de o nosso país ser rico em dialetos, ainda há preconceito e, mesmo sendo um assunto debatido, esse preconceito permanece. Assim, vislumbramos a possibilidade de a adesão ao modo de falar paulista ser uma das formas de tentar fugir da discriminação, já que os piauienses que migram para São Paulo o fazem em busca de emprego, de sobrevivência.

Então, esse tema deve ser estudado e mostrado, tentando explicitar os motivos pelos quais há essa adesão, para que, com isso, talvez as pessoas não sintam receio/dificuldade quando tiver que falar, pois os mesmos não querem falar por vergonha. Seguindo para as análises, conseguimos mostrar que essa influência existe de fato e que ocorre com aqueles que têm maior contato, pois acabam sendo influenciados pelo meio no qual estão inseridos, mas também acontece quando há um tempo maior de permanência.



## REFERÊNCIAS

GREGIO, Fabiana Nogueira. **Variantes do “r” em posição de coda silábica:** um estudo fonético-acústico. Revista Intercâmbio, v. XXVI: 80-94, 2012. São Paulo : LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x.

FOUQUET, C. B. G. **A influencia no dialeto nordestino frente ao dialeto paulista.**2013. 187 f. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo.

MONTEIRO, José Lemos, 1994- **Para compreender Labov** / José Lemos Monteiro: - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BORTONI-Ricardo, Stella Maris. *In: Revista Práticas de Linguagem.* v. 2, n. 1, jan./ jun. 2012.

MARQUES, Sandra Maria Oliveira. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal.** Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras,2006. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

BORTONI-Ricardo, Stela Maris. **Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula-** Stela Maris Borttoni Ricardo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2005 (lingua[gem];11)

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. 2008. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola. 135p. (Série Estratégias de Ensino, n. 8.)

BECHARA, Evanildo. **A sobrevivência da língua culta**- *In*: Academia Brasileira de Letras na Imprensa 1999, Rio de Janeiro, ABL, 1999, pp. 63-70

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística**: uma introdução crítica/ Louis-Jean; tradução Marcos Marcionilo.- São Paulo: Parábola,2002. 176p., 18cm (na ponta da língua;4)

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico - o que é, como se faz**. São Paulo: Editora Loyola; ed. 49, 2007.

FERRARI, Monia de Melo. **A migração nordestina para São Paulo no segundo governo de Vargas (1951-1954) –seca e desigualdades regionais** / Monia de Melo Ferrari. –São Carlos : UFSCar, 2005.

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/variacoes-linguisticas>

[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd\\_1950\\_pi.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/70/cd_1950_pi.pdf)

<http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3>



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( ) Monografia  
(  ) Artigo

Eu, Wanda Kelly Sousa  
autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação A Influência do Dialeto Paulista sobre o do migrante Piauiense. O caso do R em sinal de lábia de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 03 de junho de 2021.

Wanda Kelly Sousa  
Assinatura

Wanda Kelly Sousa  
Assinatura